

UMA ANÁLISE GEOSOCIOLINGÜÍSTICA DA FALA DO OESTE DO PARANÁ

Sanimar BUSSE*

ABSTRACT: This paper presents some data from research on the language spoken in the West of Paraná. It describes linguistic variants at the lexical level in the speech of groups that populated the region in the decade of 60: (i) descendants of Germans and Italians, from the South of Brazil, who established communities based on ethnicity, economic production and religion, and who aimed to maintain the same social organization of the places of origin; (ii) groups of recent immigration from the North of Paraná and the Northeast and Southeast of Brazil, who settled in the cities, attracted by the jobs created by industrialization, commerce and tourism. This historical-cultural scenario reflects in the speech, according to data from the Linguistic Atlas of Paraná (AGUILERA, 1994), the Linguistic-Ethnographic Atlas of the South Region of Brazil (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002), and from A Geosociolinguistic Study of the Speech in the West of Paraná (BUSSE, 2010).

KEYWORDS: Language; Speech; Geolinguistics; Sociolinguistics.

1. Introdução

Para uma descrição do fenômeno de variação linguística, tomamos o contexto sócio-histórico como elemento que condiciona a realização dos fenômenos da variação no tempo e no espaço. Além dos dados coletados em nove localidades da região, que compreendem a rede de pontos do Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná¹ (BUSSE, 2010), apresentamos os registros sobre a fala paranaense, em especial a da região, realizados por Mercer (1993), Aguilera (1994), Koch; Klassman e Altenhofen (2002) e Altino (2007).

Selecionamos algumas variantes representativas da dinâmica e complexa relação que se mantém na fala, com o objetivo de verificar os graus de debilidade e vitalidade das variantes linguísticas e, a partir da dialetologia pluridimensional, descrever a fala na sua face mais viva e móvel, no interior da dimensão sociocultural, traçando um percurso que toma como roteiro a história da região, a partir do povoamento realizado na década de 60, por grupos oriundos do Rio Grande de Sul e Santa Catarina, da imigração recente realizada por grupos originários do norte do Paraná, e das regiões sudeste e nordeste do Brasil. A convivência entre os grupos, nos diferentes momentos da história, pode ter dado origem a áreas de transição, conservação e inovação linguística.

As reflexões tomam a fala como pertencente à ordem do social, ou seja, como elemento que reporta ao modo de viver das pessoas, dos grupos e das sociedades, que, por meio de redes sociais e dos seus entrelaçamentos retratam o dinâmico e complexo jogo de relações sociais. A fala, na sua realização mais viva, é o eixo ao qual se unem, para estabelecer diversas conexões, diferentes instâncias da sociedade. Essa potencialização da língua requer um olhar meticuloso para sua realização enquanto representação do trajeto dos falantes e dos grupos no espaço e na história.

Segundo Dauzat (1922, p. 31, **tradução nossa**), “a geografia linguística é essencial para reconstruir a história das palavras, das flexões, dos agrupamentos sintáticos, de acordo

* Doutora; Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE/campus Cascavel.

¹ Pesquisa desenvolvida no doutorado, sob orientação da professora doutora Vanderci de Andrade Aguilera.

com a distribuição de formas e tipos no presente.”² O autor destaca, ainda, que a distribuição não se dá ao acaso, mas com base nas condições anteriores, no espaço geográfico, de acordo com o meio ambiente, e a partir da solidariedade do homem.

A Geografia Linguística permite, portanto, recriar, a partir do estado atual da língua, as camadas de palavras muitas vezes soterradas pelo tempo, no espaço; e, unida a critérios sociais, pode identificar as “leis que levaram a mudanças, a criações, a associações, a viagens, à vida e à luta das palavras”³ (DAUZAT, 1922, p. 31, **tradução nossa**). É possível perceber nessas palavras, ecoadas no tempo, o objeto mesmo Geolinguística: os dialetos, tomados como formas pelas quais é possível determinar a ‘estratigrafia’⁴ de uma palavra.

As cartas linguísticas se transformam em um ‘inventário de formas’, segundo Brandão (2005, p. 11), proporcionando “uma visão dinâmica de cada fato descrito”. Os atlas documentam as línguas e seus falares em sua face mais móvel e dinâmica. O caminho percorrido pelas formas no espaço refaz o trajeto do homem, e muito mais: revela a organização do grupo, o papel de cada cultura e etnia naquela comunidade.

Moreno Fernández (1998, p. 58) destaca que os dados recolhidos da realidade pela Dialetoлогия e Geolinguística permitem a “demonstração de que as palavras migram”. O registro dos fenômenos nas cartas linguísticas representa os caminhos trilhados pelas palavras, refazendo as etapas pelas quais elas avançam em determinada direção, bem como aquelas em que estacionam em determinados espaços e grupos.

A dispersão das formas pelo território indica a presença de elementos que atuam direta e firmemente sobre o comportamento linguístico. A atuação desses elementos resulta na formação de áreas mais homogêneas com relação à presença ou não de determinadas variantes. Esta é uma das contribuições da Dialetoлогия e da Geolinguística: a identificação de áreas responsáveis pela adoção, implementação e dispersão das inovações, bem como de áreas conservadoras e arcaizantes da língua.

A confecção dos mapas linguísticos que comporão um atlas é precedida por um longo caminho, vencendo-se etapas que vão desde a profunda pesquisa sobre a área a ser investigada até a realização da recolha dos dados e o seu devido tratamento. O conhecimento profundo dos “aspectos históricos, geográficos, ecológicos, socioeconômicos”, segundo Brandão (2005, p. 27), pode orientar a pesquisa para a obtenção de uma “visão global da dinâmica dos grupos humanos que ali viviam”, e, assim, reconhecer os elementos que atuaram na composição do quadro de fenômenos que ali se apresentam.

Os fenômenos revelados pelas cartas linguísticas resultam na identificação de áreas conservadoras, áreas inovadoras, áreas de difusão e áreas de transição. Essas áreas nem sempre se encontram nos limites políticos das localidades. Surge, assim, a compreensão de que a língua não tem fronteiras, não respeita os limites instituídos pelos homens; está condicionada, porém, por aspectos de ordem geográfica⁵ e social.

Dauzat (1922, p. 42, **tradução nossa**) já destacava que, entre as constatações dos primeiros estudos da Geografia Linguística, está “o princípio da continuidade das áreas”, ou

² *La géographie linguistique a pour but essentiel de reconstituer l'histoire des mots, des flexions, des groupements syntaxiques, d'après la répartition des formes et des types actuels.*

³ [...] *les lois qui ont présidé aux transformations, aux créations, aux groupements, aux voyages, à la vie et à la lutte des mots.*

⁴ O termo remete ao ramo da geologia que estuda a sucessão das camadas ou estratos que aparecem num corte geológico. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=estratigrafia&x=11&y=9&stipe=k>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

⁵ A separação linguística pode ser precisa quando se trata de obstáculos naturais, enseadas, montanhas difíceis de atravessar, grandes espaços vazios (DAUZAT, 1922, p. 157).

seja, “uma área que agora aparece desarticulada e fragmentada já formou um todo contínuo.”⁶ Isso significa que as palavras viajam pelos espaços, transpõem as barreiras físicas, mas também viajam com os homens, entre os grupos, e se alojam nos ambientes que lhes oferecem condições favoráveis.

Cardoso (2001, p. 27) destaca que a Dialetoлогия avança nos estudos da variação ao permitir investigações comparativas entre os fenômenos descritos em diferentes pontos de um espaço: é a ‘intercomparabilidade’ entre as variedades em diferentes espaços, tanto pela presença, quanto pela ausência dos fenômenos. Os fenômenos dispostos nos mapas são pistas para desvendar os enigmas de uma língua, desde que representem a fala em sua forma mais ativa, utilizada nas situações de interação.

O estudo da fala e as análises sobre a variação têm como índice condutor a história e a cultura do povo, pois tomada enquanto representação do comportamento do falante, em que os fenômenos linguísticos são moldados à luz das complexas relações sociais, pode-se perceber que a língua em seus traços mais particulares reflete as condições pelas quais os grupos vêm se constituindo.

O estudo pormenorizado da variação a que a Dialetoлогия vem se dedicando resultou na união dos planos horizontal e vertical das pesquisas sobre variação, recompondo a língua nos seus diferentes espaços e momentos de uso. Não se trata apenas de voltar-se para os centros urbanos, mas de dimensionar a língua nos diferentes contextos das sociedades contemporâneas

Tendo o vínculo entre língua e sociedade como pressupostos – daí o objetivo de descrever a “fala viva” (ALVAR, 1996) –, o recorte geolinguístico visava a descrever os vestígios de falares que se preservavam diante da língua de cultura e, por meio desses, reconstruir a história da língua. Trilha-se, assim, o postulado de que a Dialetoлогия não pode ser separada da Sociolinguística, porque não é verdade que a variação dialetal existe apenas no assim chamado plano horizontal ou geográfico, e é igualmente falso que a variação horizontal é a mesma em todos os níveis sociolinguísticos (RONA, 1976).

Podemos afirmar que a Dialetoлогия atualmente vem se aproximando da descrição do “complexo operar de qualquer língua” (CUNHA, 1972, p. 60), muito embora ainda precise transpor alguns desafios de ordem metodológica e operacional. A evolução da sociedade para estágios dinâmicos de comunicação e a ampliação das redes de contatos sociais e a necessidade de constituir e manter uma identidade linguística têm orientado as pesquisas geolinguísticas a delimitarem o espaço variacional a partir da mobilidade geográfica e das dimensões socioculturais dos grupos investigados. A Dialetoлогия Pluridimensional busca, a partir dos desdobramentos do espaço geográfico em topostático e topodinâmico, e da variável social em eixos e parâmetros, descrever a fala na sua condição dinâmica e complexa.

Thun (1998, p. 706), a respeito da Dialetoлогия Pluridimensional, destaca que

o espaço variacional da Dialetoлогия Pluridimensional não compreende somente os dialetos “puros” preferidos pela Dialetoлогия tradicional ou os socioletos da Sociolinguística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e majorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastando com o dos grupos topostáticos (com pouca mobilidade do espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais.

⁶ *Une aire qui apparaît aujourd’hui disloquée et fragmentée formait autrefois un tout continu.*

As cartas linguísticas e os atlas acabam registrando todo esse movimento da língua, e, na sua forma mais detalhada, podem oferecer, o que antes era uma ‘fotografia’ da fala de determinado grupo e em determinada área, uma ‘imagem em movimento’ do comportamento linguístico dos falantes em diferentes situações de comunicação.

A pesquisa da fala do Oeste paranaense tem o objetivo principal de documentar os fenômenos linguísticos, apresentando uma descrição diatópica e sociocultural das variantes. Trata-se de uma incursão pela Dialectologia contemporânea, com vistas a descrever a fala no espaço areal, atravessado pelas dimensões e pelos parâmetros sociais.

Os objetivos da pesquisa tomam como referência os trabalhos já realizados e divulgados sobre a fala do estado do Paraná, da região Sul e do Brasil. São trabalhos que identificam a região por suas particularidades linguísticas, principalmente aquelas relacionadas à manutenção de traços linguísticos dos grupos de origem que colonizaram a região, e à adoção e implementação de formas inovadoras, trazidas pelos novos grupos, originários, na sua maioria, do Sudeste do Brasil.

2. O Oeste paranaense em foco: um percurso da história e da fala

Grande parte da região Sul e do Oeste paranaense foram formados a partir de uma homogeneidade étnica e cultural. São imigrantes europeus que fugindo dos problemas da Europa partem para a América com o sonho do recomeço, transferindo para cá sua cultura e seu modo de viver. Esse sentimento de continuidade se fortaleceu nas colônias e nas cidades, onde se preservou a língua, as diferentes manifestações e a religião. Diegues Júnior (1960) destaca que a colonização na Região Sul por parte dos europeus teve como principal motivação a concessão de terras e a possibilidade de formação dos núcleos coloniais.

Segundo Gregory (2005, p. 40), “foi a tentativa de recompor o modo de ser camponês” arruinado pela situação econômica da Europa, além das promessas de terras produtivas e a liberdade para reconstruir seu modo de vida, que fez com que os imigrantes se arriscassem pelas terras tropicais.

Foi com o sonho de liberdade e de continuidade da vida rural e camponesa que as terras do Sul do Brasil foram tomadas pelos imigrantes e posteriormente por seus descendentes. E a cada movimento migratório se deslocava o projeto de continuidade que pode ser visto na língua, na cultura, na religião, na arquitetura e em outras manifestações. Nesse percurso por terras e culturas diferentes, a língua tem sido um dos elementos que estreita os laços com o passado, com a ‘terra’ e com a cultura de origem, além de elemento unificador da identidade do colono sulista.

A colonização do Oeste paranaense foi identificada de forma emblemática como “Marcha para o Oeste”, pois estava assentada nas ações oficiais do governo do Período Vargas, de nacionalismo exacerbado e de busca de um Estado fortalecido e centralizador. As terras da fronteira, habitadas por índios, paraguaios e argentinos, deveriam ser colonizadas por uma gente bravia que se dispusesse a lutar por ela e a transformá-la em espaço produtivo. Diante desse quadro, Gregory (2005, p. 93) destaca que os planos de ação do governo, executados pelas companhias madeireiras e pelas colonizadoras, eram implementados por meio da seleção de colonos que se adaptassem à região, “o elemento humano eurobrasileiro do sul do Brasil, ou seja, descendentes de alemães, italianos e de outros imigrantes acostumados com a lida agrícola colonial na pequena propriedade”.

A colonização moderna do Oeste paranaense (CARDOSO & WESTPHALEN, 1986) aliada aos movimentos de períodos anteriores (Guaíra, 1610; Região Noroeste, 1888; Foz do Iguaçu, 1889) resultou na mistura de culturas, línguas e etnias. Esse ambiente cultural pode

ser responsável pela criação de áreas linguísticas mais conservadoras, áreas inovadoras e de transição, em que as diferentes culturas e etnias acentuam o polimorfismo na fala.

Em torno dos núcleos de colonização (Marechal, Toledo e Medianeira), formaram-se outras localidades, como no caso dos municípios mais ao leste da região (Cascavel e Guaraniaçu), que podem ser descritos pela heterogeneidade étnico-cultural com a presença de paranaenses, paulistas, mineiros e nordestinos. Assim, embora as áreas de conservação se destaquem, há zonas de transição em que os elementos convivem, estabelecendo trocas e esboçando o quadro linguístico e cultural da região.

O que mais inquieta diante desse quadro, que deu origem aos agrupamentos humanos e às cidades, é a forma como se travou o contato entre os diferentes grupos, e como se mantêm essas diferentes culturas na sociedade contemporânea. Ou seja, como uma cultura conservadora e os ideais de continuidade encontram-se hoje, como influenciaram, se influenciaram, os demais grupos? Acreditamos que investigações e estudos que se voltem para a descrição da língua tomando a cultura como parâmetro podem indicar pistas dos resultados desse contato, como o ocorrido Oeste do Paraná.

3. A língua e a formação de identidades no Oeste

As representações de uma identidade evocam imagens que se agregam a determinados valores. Segundo Alvar (1996, p. 04), as palavras são uma vestidura do ‘espírito’, são elas que nos oferecem a essência daquilo que se impõe às condições materiais e estreitam os laços sociais. Sob uma língua abrigam-se aspectos que atuam e atuaram para a formação identitária dos grupos, insinuando, inclusive, a maneira como essa identidade tomou forma. A coexistência de traços linguísticos, a assimilação de alguns e a conservação de outros reproduz o cenário em que a fala/identidade se constituiu.

A região Oeste tem um cenário histórico marcado por períodos de povoamento com a presença de espanhóis, nas Reduções Jesuíticas, de portugueses, nas Entradas e Bandeiras e nas Reduções Jesuíticas, e de argentinos e paraguaios, nas Obrages (propriedades com uma forma de exploração típica das regiões cobertas de matas subtropicais e que teve como objetivo a extração da erva-mate e da madeira em toras). Nas décadas de 1950 e 1960 ocorre a terceira onda colonizadora do Estado (CARDOSO & WESTPHALEN, 1986), com a ocupação do Oeste e Sudoeste paranaense por colonos gaúchos e catarinenses, voltados à policultura e à pecuária suína, de estrutura fundiária, marcada pela presença da pequena propriedade familiar.

A partir de informações coletadas nos Relatórios de Empresas Colonizadoras da década de 1960, Gregory (2005, p. 96) apresenta um quadro com informações sobre a origem étnico-racial dos habitantes das colônias já formadas na Região. Esses registros dão conta do cenário cultural em que se encontrava a região, apontando para áreas de maior homogeneidade cultural, como as colônias Medianeira, Gaúcha (Município de São Miguel do Iguaçu) e Criciúma (Município de Santa Terezinha de Itaipu), e áreas mais heterogêneas, com a presença de paulistas e mineiros, entre outros, com destaque para Porto Mendes.

Para formar os núcleos de povoamento, as colonizadoras empreenderam esforços dando preferência ao agricultor nacional, do Sul do Brasil, evitando assim a presença de paraguaios e argentinos, que estavam em vias de expulsão das áreas da região de Guaíra, e cuidando com a propaganda sobre as terras para não chamar atenção de “elementos aventureiros”, que segundo Gregory (2005) só foram solicitados quando as terras já estavam ocupadas para nelas trabalhar como empregados. Logo, tem-se uma delimitação dos espaços sociais de cada elemento na sociedade que se formava: o colono sulista como proprietário das

terras e dos meios de produção, e os demais, paranaenses, paulistas, mineiros, baianos, paraibanos, pernambucanos, cearenses, entre outros, empregados e subordinados.

O objetivo de se formar uma região produtiva e livre para implantar o modo de vida semelhante ao vivido nas colônias de origem (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) realizou-se na presença de habitantes remanescentes de outras épocas, como na região de Guaíra (paraguaios, indígenas, paranaenses do norte e noroeste, baianos, paraibanos, pernambucanos e cearenses), das lavouras de erva-mate e hortelã. Tal contexto pode ter impellido o colono migrante a acentuar alguns traços de sua cultura, e para tal, contou com a igreja, como destaca Mezzomo quanto à dinâmica presença da igreja católica entre os colonizadores descendentes de italianos, que reforçava a preocupação em construir uma identidade, elaborar uma certa representação, estabelecer a distribuição de papéis e posições sociais, exprimindo crenças comuns, para que assim de fato se cumprisse os propósitos da colonização na região.

O resultado desse conjunto de relações que surgia entre os habitantes pode ser ter levado alguns grupos à resistência com relação à cultura do 'outro', e outros, à assimilação e acomodação, e no final dessa 'serpentina cultural' a trocas e interações culturais, cenário que hoje se revela na cultura, na língua e nos hábitos da população.

4. Os traços linguísticos e a história dos espaços de povoamento da região

A dialetologia, por meio da descrição das variantes nos níveis fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático no espaço geográfico, traça as rotas do fenômeno da variação, identificando áreas de conservação e inovação da mudança linguística, à luz dos movimentos humanos pelos diferentes territórios. A identificação da distribuição areal dos fenômenos permite, a princípio, reconstruir o trajeto dos falantes pelo território, para reconstituir as condições da fala em função dos fatores sócio-culturais e das suas contingências. Ao descrever a fala e reconhecer as variantes linguísticas tomando como referência os fenômenos de conservação e inovação, os estudos dialetológicos representam um esboço do entrelaçamento entre a fala, a cultura, a economia e a organização social.

Essa descrição e documentação da língua e do contexto de realização podem levar à identificação e à definição de áreas linguísticas cujos traços comuns fornecem elementos para a compreensão do comportamento da fala em determinados espaços e sob diferentes condições. Altenhofen (2005), considerando o contexto histórico brasileiro quanto à presença de diferentes grupos étnicos e de sua mobilidade pelo território, destaca a necessidade de descrever a língua ao lado do trajeto dos falantes no espaço e no tempo.

A identificação das áreas dialetais do português brasileiro ora tomou a região Sul com relação à sua posição geográfica, ora com relação às suas particularidades linguísticas. Nascentes (1953), ao propor as áreas dialetais do Brasil, reconheceu o "falar sulista" e nele incluiu os estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul, sul de Goiás, sul de Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Garcia (1915) (apud. MENDONÇA, 1936, p. 199/200) traça a zona Meridional, com São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Mendonça (1936, p. 210-211) aponta para áreas de transição nos estados do Maranhão e do Paraná, embora, considere o território paranaense e a região que compreende o norte de Santa Catarina (transição sul), com uma notável presença de termos da língua guarani relativos principalmente à indústria do mate.

Segundo Altenhofen (2005, p. 185), a delimitação de áreas linguísticas pressupõe a descrição da fala em vista da conjunção de fatores externos e internos da língua, ou seja, a variedade e a estrutura da língua e a "origem e constituição étnica da população, atividades econômicas, densidade demográfica e redes de comunicação, migrações históricas, grau de isolamento e de urbanização, características do espaço em termos de relevo, vegetação e

hidrografia, entre outros”. Estes elementos imprimem à determinada área linguística características que podem atuar sobre o comportamento dos grupos, e, também sobre a fala uniformizando ou particularizando determinados traços.

A partir dos fatores assinalados por Koch (2000) como determinantes da fala no Sul do Brasil, Altenhofen (2005, p. 185) acrescenta as migrações internas ocorridas durante os processos de ocupação da região Sul. A fala do oeste do Paraná pode ser descrita a partir desse contexto que tem como parâmetro a condição “topodinâmica da variação”, em grupos que migraram há uma ou duas gerações e que, em alguns casos, reemigraram para áreas como o Paraguai e o Mato Grosso do Sul.

Em alguns trabalhos já desenvolvidos sobre a fala do Paraná e da região Sul, como os de Mercer (1993), Aguilera (1994), Koch, Klassman e Altenhofen (2002) e Altino (2007), a região Oeste é apontada como área de transição, porém, com pontos que mantêm certa homogeneidade na fala. Numa apresentação prévia dos dados preliminares do Paraná registrados pelo Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul/ALERS (2002), Mercer (1993) apresenta uma discussão sobre os feixes de isófonas relacionados aos diferentes grupos que povoaram o Estado, quais sejam: (i) ditongação de /a/ tônico final seguido de /s/ e de /u/ tônico final seguido de /s/; (ii) conservação de /e/ átono final; e (iii) realização apical de /r/. Segundo o autor (1993, p. 313),

as isófonas da ditongação indicam os limites de um processo que é dominante ao norte e ao leste dessas linhas, ao passo que as duas outras isófonas fixam os limites setentrionais de fenômenos que dominam a porção ao sul. Isto posto, pode-se dizer que, de forma esquemática, esse feixe de quatro linhas divide o Paraná em norte e sul e circunscrive, no sul, uma área a leste com ocorrências de ditongação de tônica final, pelas quais se liga ao norte.

Buscando identificar o conjunto de isófonas do ALERS que caracterizam áreas e subáreas no interior do Paraná, Mercer (1993, p. 311) apresenta a questão: “Por que os três feixes de isófonas operam essas compartimentações do território paranaense? A que fatos da história se prendem as áreas resultantes dessa compartimentação?”. A resposta, segundo o autor, está no processo de povoamento do Paraná, que se deu em períodos e de modo diferenciados.

O atravessamento étnico-cultural na fala, conforme vem se discutindo neste trabalho, acaba por delinear a formação de áreas e subáreas linguísticas e demarcar fronteiras entre os traços linguísticos, que refletem a cultura dos grupos que primeiro ocuparam os espaços e deixaram a constituição de uma identidade que se insinua na língua.

No Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994), é possível observar esta realidade na carta linguística 187, figura 01 isófonas do /r/ em travamento silábico, em que as variantes se distribuem pelo estado acompanhando o movimento dos grupos: (i) a retroflexa é registrada de forma mais concentrada no litoral até o norte; (ii) o tepe /r/ ocorre é registrado em pontos na área central e no sudoeste, concentrado-se na região oeste; (iii) há ainda uma faixa de coocorrências de retroflexa e tepe.

Os dados registrados na carta revelam duas áreas de maior concentração quanto ao fenômeno descrito, que são o tepe, a vibrante alveolar surda e a retroflexa, traduzindo, assim, o roteiro de povoamento da Região. No Extremo Oeste, a presença de descendentes alemães e italianos, tendo Marechal Cândido Rondon e Toledo como núcleos de povoamento, e no ponto mais a nordeste da região, a presença de paranaenses do Norte e Noroeste, além de paulistas, mineiros e baianos. As demais áreas, que registram a transição entre uma variante e outra, têm em sua formação uma heterogeneidade étnica, como Cascavel e Guaraniçua, com a

presença de paulistas, mineiros, baianos e paranaenses de outras áreas do estado, que vieram para trabalhar como peões nas fazendas.

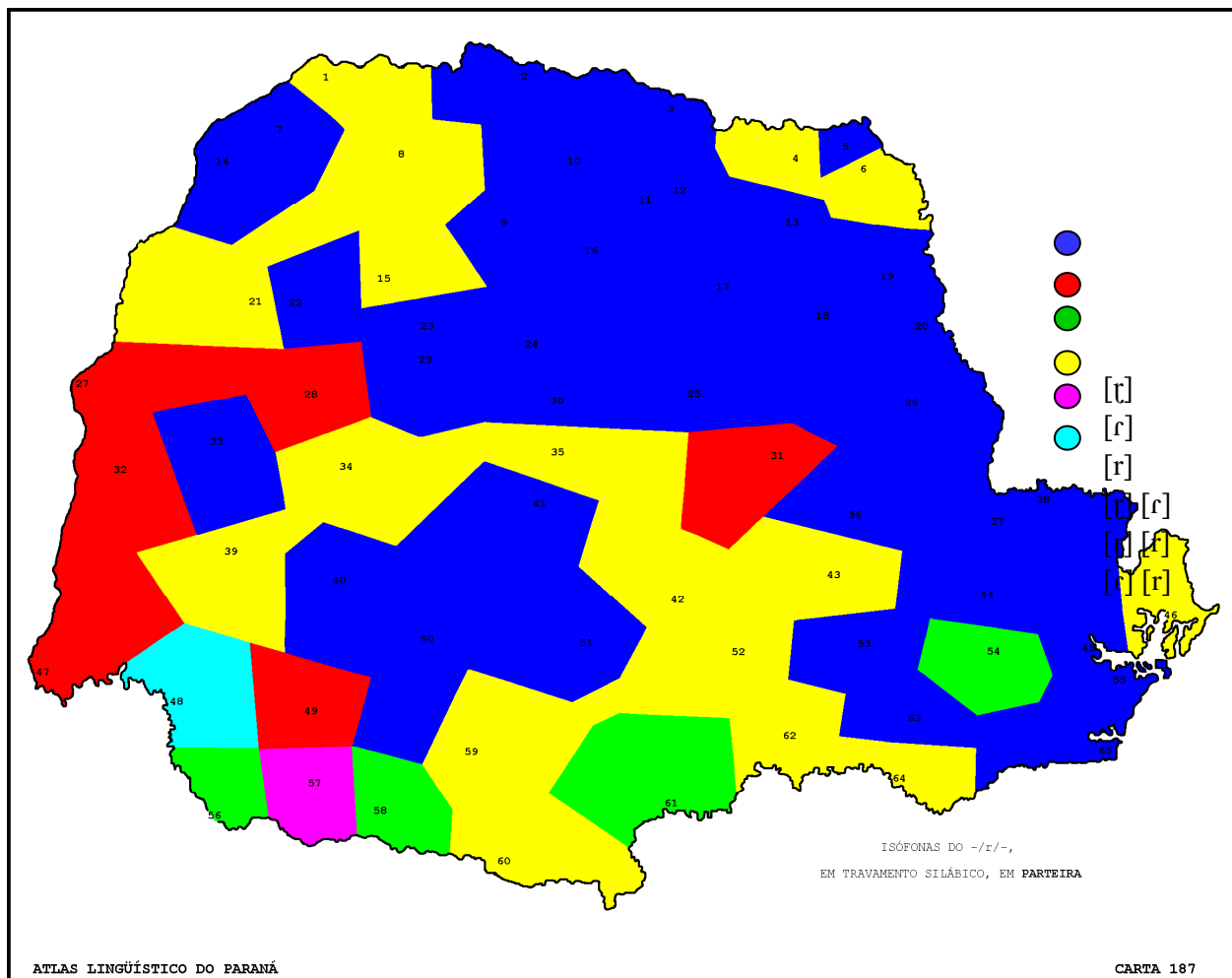


FIGURA 01 – Carta Linguística 187 – Isófona do [r] em travamento silábico em *Parteira*
 Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994, p. 397)

Na carta linguística 103 - *Ponte*, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994), figura 02, podemos observar que as ocorrências das variantes para a consoante oclusiva dental sonora dividem o Paraná em duas áreas: (i) o norte com o registro da africada alveopalatal surda; (ii) e o sul com a oclusiva dental. A área mais a oeste apresenta grandes faixas de transição entre /te/ e /tʃe/, principalmente numa zona mais central da região. O fenômeno pode ser indício da implementação de uma inovação linguística vinda do Norte do estado, mas também pode estar presente na fala de grupos de outras localidades do Brasil (como, por exemplo, São Paulo e Minas Gerais) e que vieram na década de 1960 para morar nas terras tomadas por posseiros, como nos pontos **39** - Cascavel e **40** - Guaraniaçu.

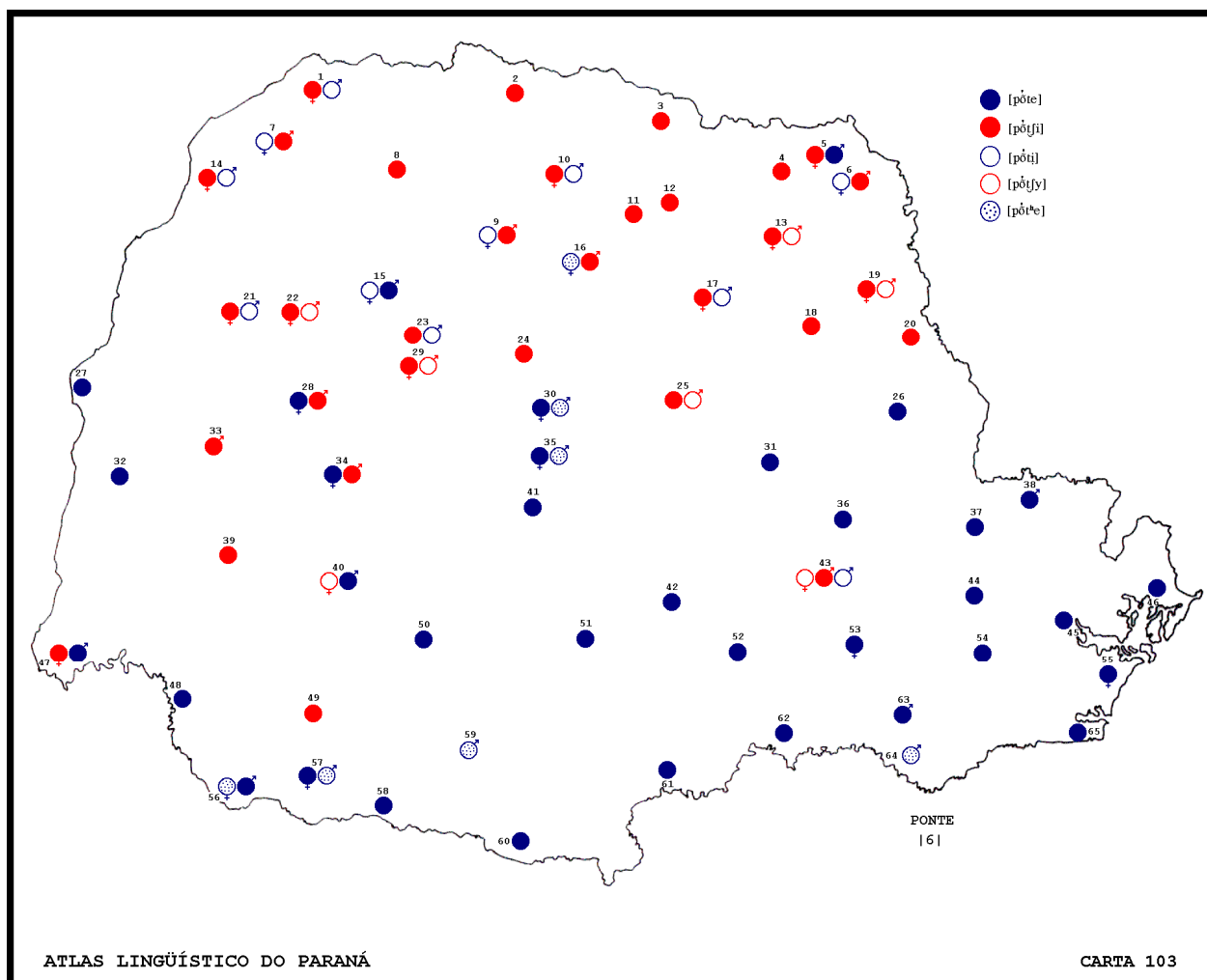


FIGURA 02 – Carta Linguística 103 – Ponte

Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994, p. 229)

Segundo Altenhofen (2005, p. 185), as migrações internas ocorridas durante os processos de ocupação podem ser descritas como fatores determinantes da fala da região Sul do Brasil. A fala do Oeste do Paraná pode ser descrita a partir desse contexto, que tem como parâmetro a condição “topodinâmica da variação”, em grupos que migraram há uma ou duas gerações e que, em alguns casos, reemigraram para áreas como o Paraguai e o Mato Grosso do Sul.

Se no território paranaense as áreas linguísticas foram definidas pelas ‘ondas colonizadoras’, podemos encontrar no Oeste alguns espaços que também esboçam um quadro linguístico representativo da formação histórico-cultural das localidades. As informações de atlas já publicados, como o Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994), o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002) e o Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007), acenam para uma dinâmica de transição e formação de subáreas linguísticas no Oeste, as quais se manifestam pelo conservadorismo com relação a alguns traços linguísticos e pela inovação advinda, principalmente, do falar do Norte do estado.

Na Carta 04, do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002), figura 03, podemos observar, na realização de ditongo em *Dez*, a ocorrência das variantes /ejs/ e /eʃs/ na região Oeste do Paraná, numa

faixa que vem do norte e se estende do leste até o sul; e a manutenção da média baixa /es/ a oeste, coocorrendo com o ditongo na área que vai em direção a sudoeste. Conforme os registros da Carta, a variante para o monossílabo tônico, seguido de sibilante, /ejs/, está presente em toda a área do estado do Paraná, com maior vitalidade no Norte, Noroeste e Centro. No Oeste, são documentadas zonas de maior transição entre com /es/ e /ejs/. Essa zona de transição, na verdade, forma uma área de conservação, que demarca novamente a presença do núcleo sulista de povoamento, nos pontos **185** - Marechal Cândido Rondon, **186** - Toledo e **190** - Santa Helena, e as áreas de maior heterogeneidade étnico-cultural, nos pontos **177** - Guairá, **193** - Cascavel, **197** - Guaraniaçu e **198** - Foz do Iguaçu.

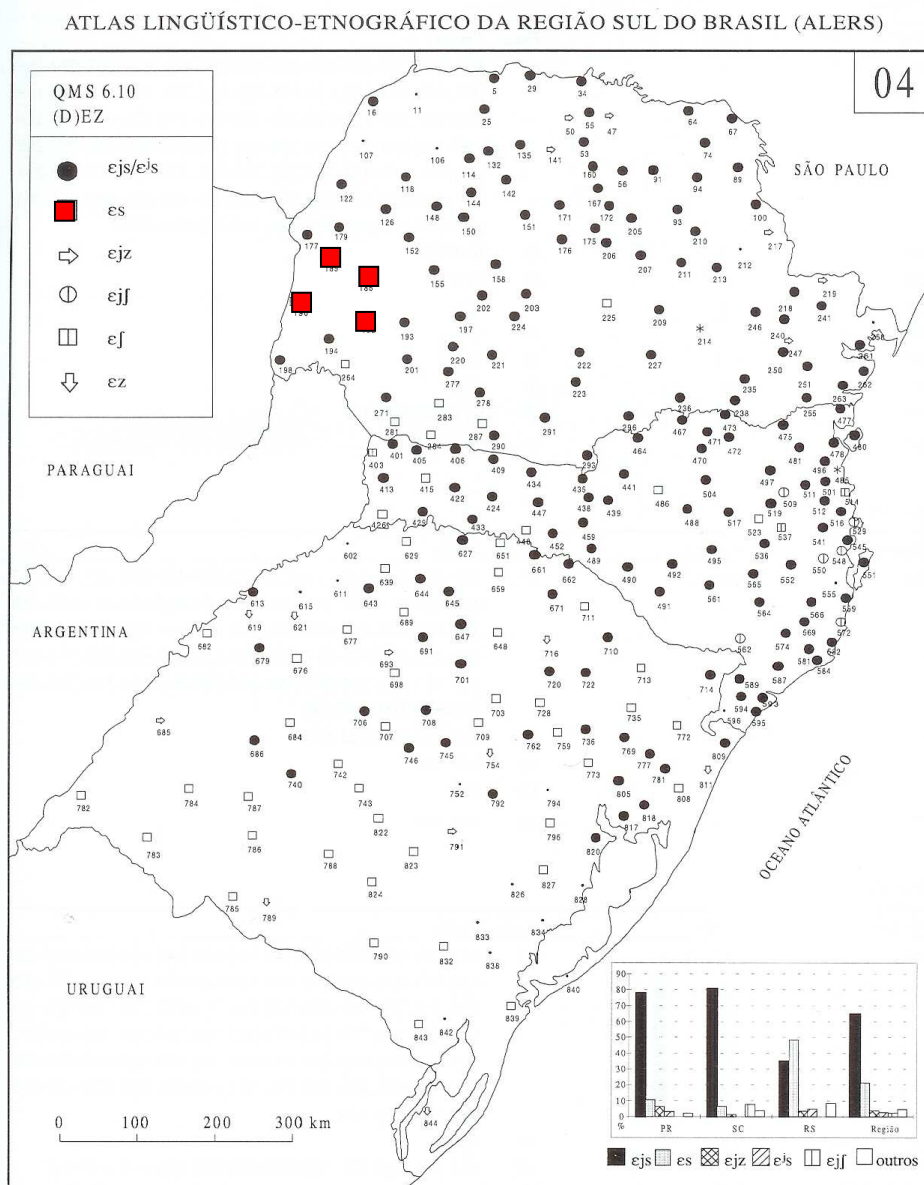


FIGURA 03 – Carta Linguística 04 - Dez

Fonte: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002, p. 39)

Na Carta 327, do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007), figura 04, com as variantes para -R, em *Rato*, podemos observar a concentração da vibrante alveolar surda [r] em toda a área que compreende a região, estendendo-se por todo o sul e sudeste. Apenas nos pontos 39 - Cascavel e 40 - Guaraniaçu, a variante concorre com a fricativa velar surda [x], com destaque para o registro entre falantes do sexo feminino. Embora a realização das variantes entre informantes do sexo feminino não se encontre registrada em todos os pontos, o fenômeno pode ser representativo da inovação linguística, se tomarmos a fala das mulheres como mais influenciada pela fala de prestígio, e se o traço linguístico for representativo desse fenômeno.

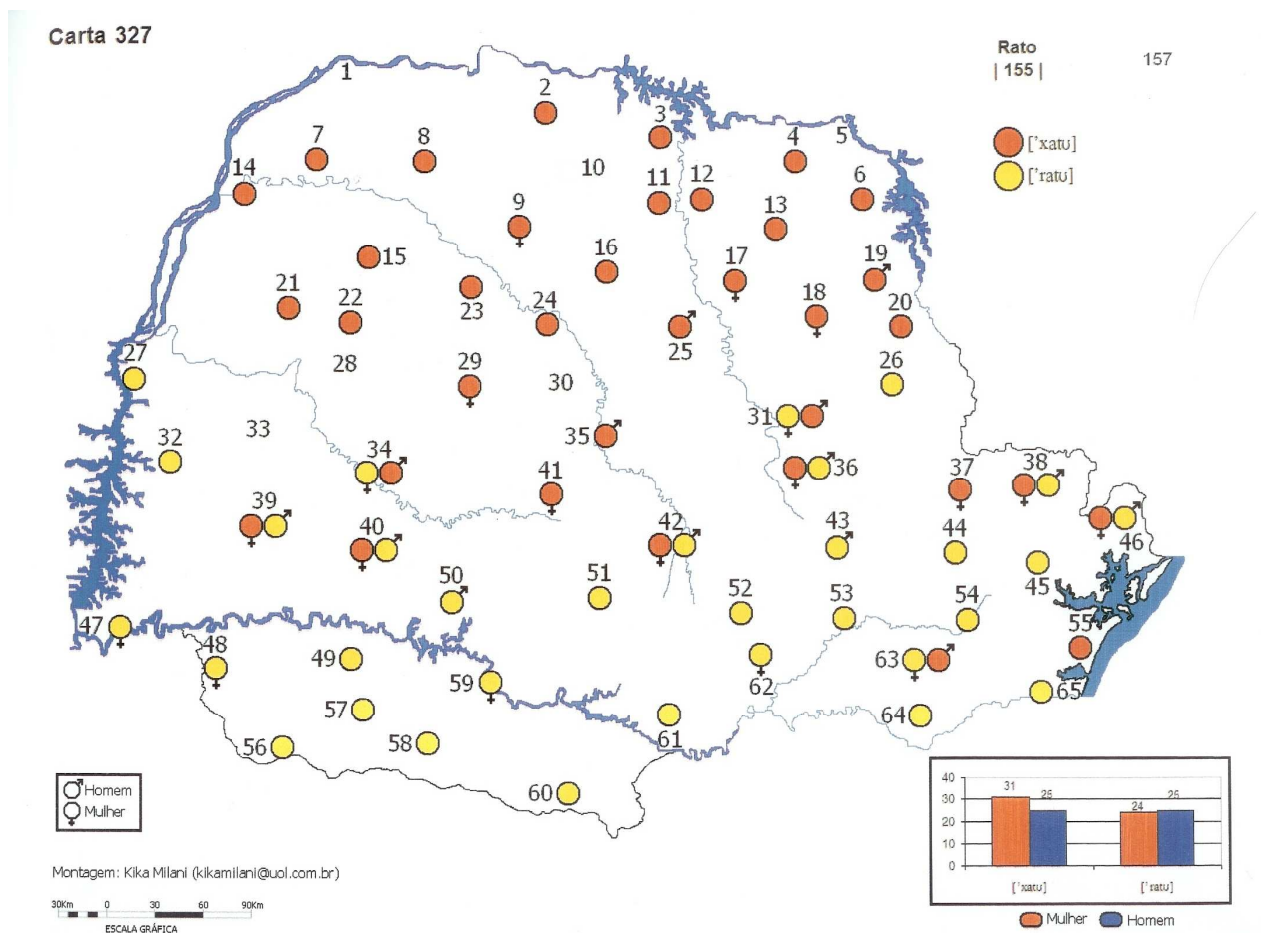


FIGURA 04 – Carta Linguística 327 – *Rato*
 Fonte: Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007, p. 291)

Os registros corroboram a hipótese de Mercer (1993), de que os traços linguísticos da região são resultado do seu processo de povoamento. Essa realidade pode ser observada na concentração da vibrante alveolar surda, na Carta 327 do ALPR II (ALTINO, 2007), nas áreas dos núcleos sulistas de colonização, cocorrendo com uma forma que pode ser considerada inovadora, em localidades onde se deu um povoamento por parte de paulistas, de mineiros, do Norte e Noroeste paranaense.

Na sequência, a Carta 82 – *Noite*, figura 05, apresenta o registro das variantes para a consoante oclusiva dental surda, dividindo a região Oeste em áreas de maior e menor concentração dos traços: (i) ao noroeste, o predomínio da palatalização, nos pontos **01** – Guaíra, **02** – Assis Chateaubriand; (ii) ao sul e a oeste, a manutenção da dental, **07** – Capitão Leônidas Marques, **05** – Medianeira, **04** – Santa Helena e **03** Marechal Cândido Rondon. Destacam-se na carta os pontos que registram a alternância entre a dental e a africana alveopalatal, **09** – Guaraniaçu e **08** – Cascavel. O ponto **06** – Santa Terezinha de Itaipu surge na carta linguística como ponto isolado, entre aqueles que concentram a dental, registrando as maiores ocorrências de palatalização.

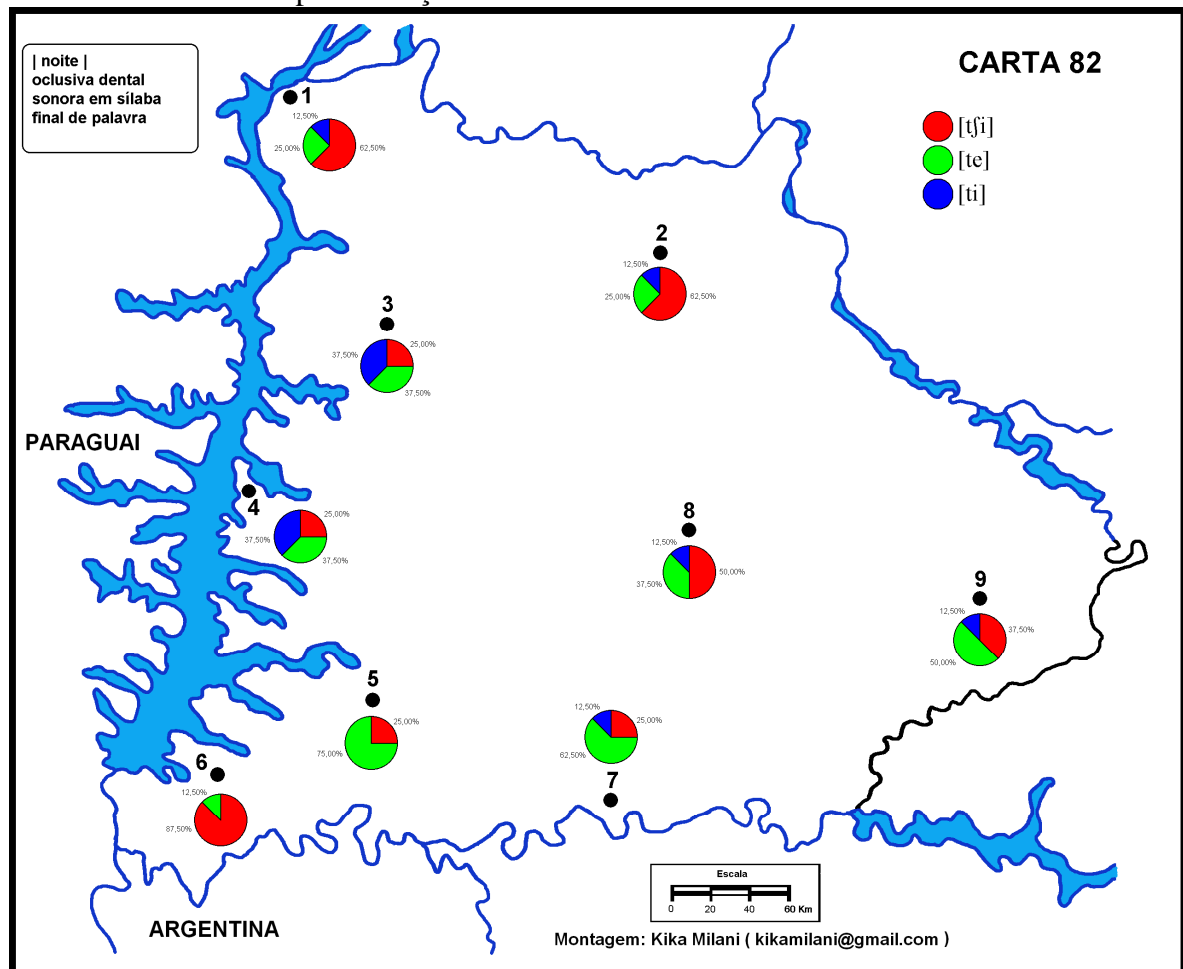


FIGURA 05 – Carta Linguística 82 – *Noite*
 Um Estudo Geossociolingüístico da fala do Oeste do Paraná

Com relação à palatalização da oclusiva dental sonora, os registros das ocorrências das variantes [de], [di] e [dʒi] revelam que a implementação do fenômeno se encontra bem avançada, principalmente naquelas localidades que estão um pouco distantes dos núcleos sulistas de povoamento, como nos pontos **01** – Guaíra, **02** – Assis Chateaubriand, **06** – Santa Terezinha de Itaipu e **08** – Cascavel.

Para a variante dental, os dados revelam pontos de concentração nas áreas nas quais se formaram os núcleos sulistas: **03** – Marechal Cândido Rondon e **05** – Medianeira. No ponto **09** – Guaraniaçu também é registrada a variante. A localidade não faz parte dessa área cultural

mais homogênea, porém apresenta fluxo constante de pessoas vindas da região mais central do Paraná (Diamante do Sul, Laranjeiras do Sul).

A seguir, na figura 06, Carta 80 – *Tarde*, podemos observar a distribuição areal das variantes e a formação de áreas e pontos de ocorrência. A variante africada alveopalatal sonora é registrada mais evidência nos pontos **01** – Guaíra, **02** – Assis Chateaubriand, **08** – Cascavel e **06** – Santa Terezinha de Itaipu, confirmando a realidade documentada pelos registros da oclusiva dental surda. Nos pontos **07** – Capitão Leônidas Marques, **05** – Medianeira e **03** Marechal Cândido Rondon predomina a oclusiva dental.

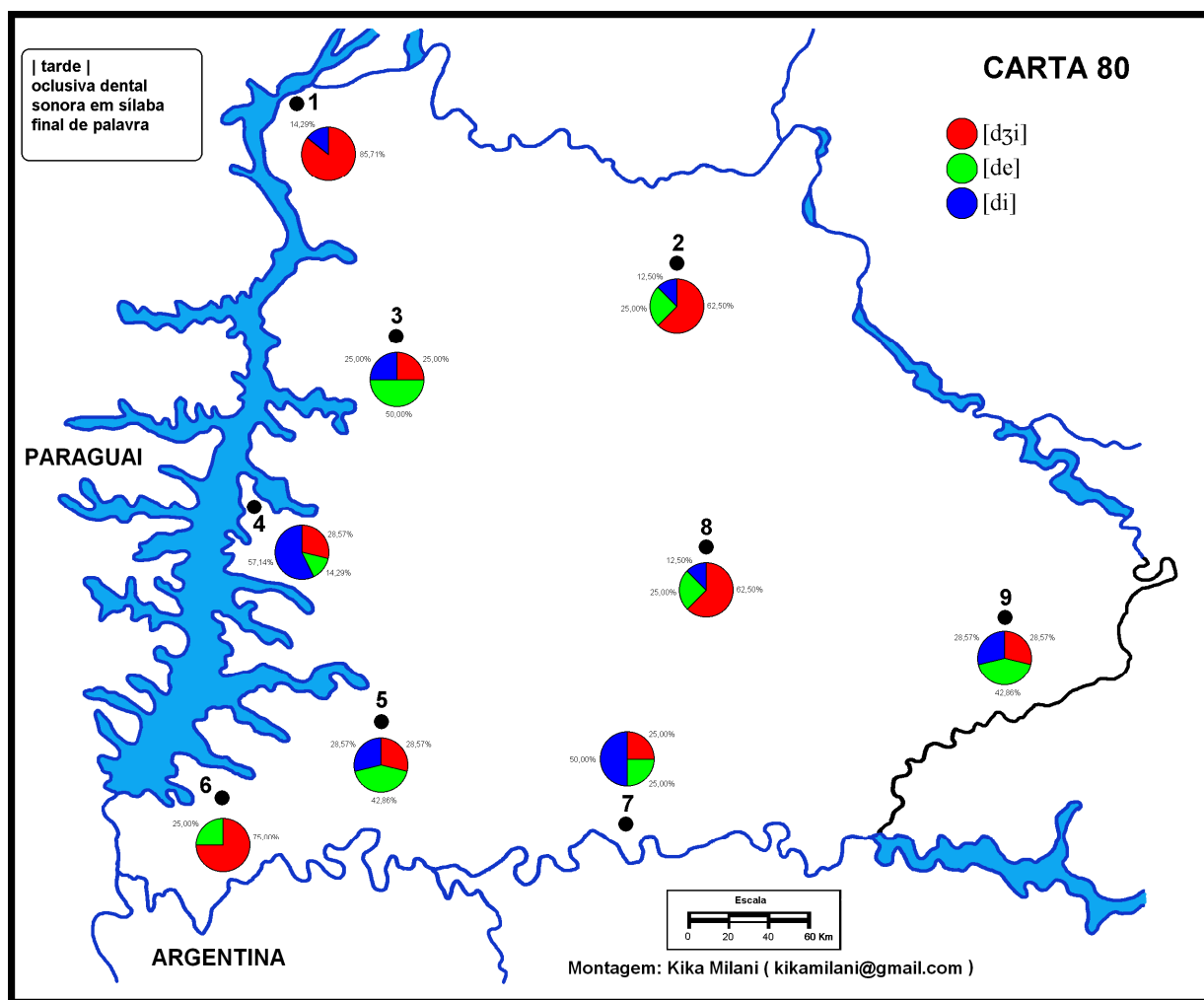


FIGURA 06 – Carta Linguística 80 – *Tarde*
 Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná

Cabe agora verificar que extratos sociais são responsáveis pela manutenção da oclusiva dental e pela implementação da palatalização. Os gráficos a seguir apresentam as ocorrências das variantes a partir das variáveis diasssexual, diageracional e diastrática.

As mulheres tomam a dianteira na palatalização, o que aponta para o prestígio que o fenômeno assume, confirmando o que já se afirmava em estudos anteriores. Apenas na realização da africada alveopalatal surda [tʃ], a diferença entre os dois gêneros é maior, pois na variante sonora, os homens acompanham as mulheres, o que pode ser explicado pelo contexto linguístico, em que a sonoridade do fonema favorece a realização da palatal.

Encontramos, assim, uma realidade linguística diferente da descrita por Abaurre e Pagotto (2002), que afirmam ser o fonema surdo o favorecedor da palatalização.

Destacamos que não se trata de uma descrição exaustiva das variantes para a oclusiva dental surda e sonora, o que demandaria um estudo mais detalhado. O que temos aqui são indícios da realização dos fenômenos e a proposição de algumas hipóteses a partir dos dados disponíveis.

O registro da oclusiva dental surda, conforme o gráfico 01, tem as maiores ocorrências registradas entre os informantes do sexo masculino, ultrapassando o índice de palatalização registrado na fala das mulheres. Os homens mantêm o traço característico da fala dos primeiros moradores, oriundos dos estados do sul do Brasil; já na fala das mulheres é registrada a adoção da forma inovadora, que no Oeste do Paraná chegou com os grupos vindos de outras regiões do Paraná e do Brasil, e também por meio da mídia.

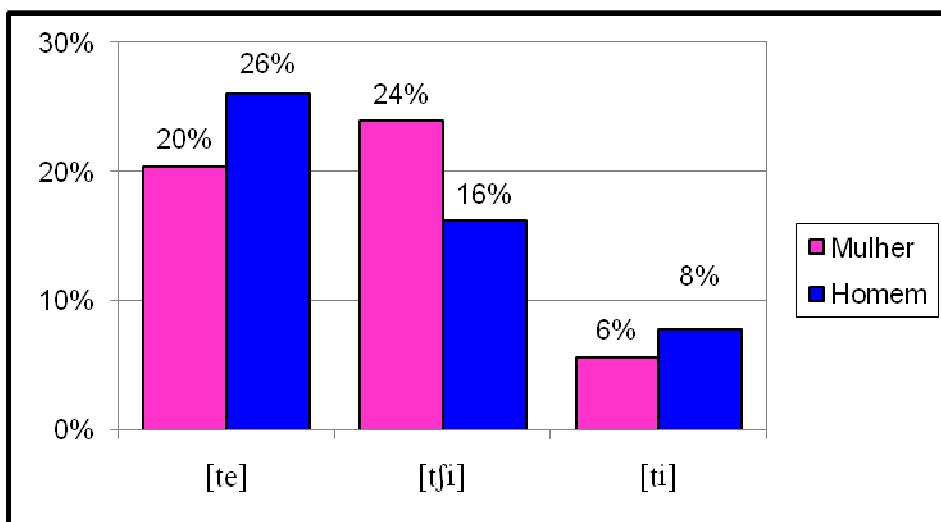


GRÁFICO 01 – Distribuição diasssexual das variantes para a oclusiva dental surda em sílaba átona final, registradas no Oeste do Paraná

Na dimensão diageracional, os dados apresentados no gráfico 02 indicam que a palatalização da oclusiva dental sonora é implementada pela geração mais nova, enquanto a geração mais velha mantém o traço da consoante dental. A manutenção da dental surda na fala da geração mais velha pode indicar uma atitude conservadora. Observamos também que, na GI, tanto o registro da oclusiva dental quanto da africada alveopalatal surda está muito próximo, o que pode indicar uma mudança em fase inicial.

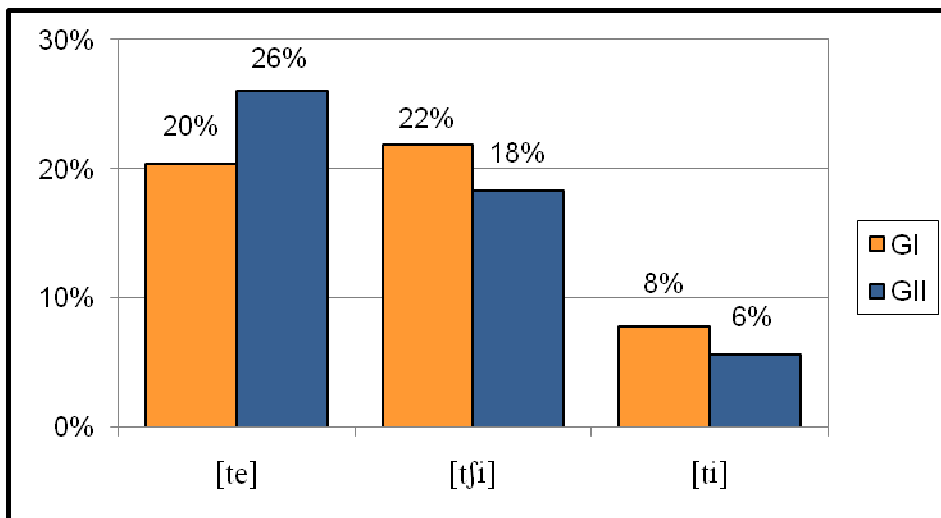


GRÁFICO 02 – Distribuição diageracional das variantes para a oclusiva dental surda em sílaba átona final, registradas no Oeste do Paraná

Na dimensão diastrática, de acordo com o gráfico 03, encontramos realidades distintas com relação às variantes para a oclusiva dental surda e sonora. O grupo com maior escolaridade apresenta maior registro das duas variantes – da dental [te] e da palatal [tʃi] –, pois, entre os falantes de baixa escolaridade, é registrada com maior ênfase a variante [ti].

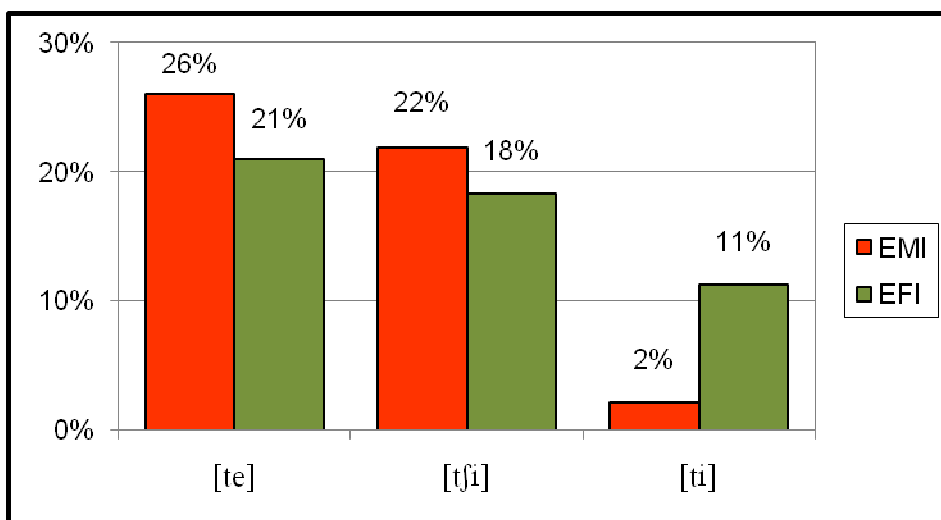


GRÁFICO 03 – Distribuição diastrática das variantes para a oclusiva dental surda em sílaba átona final, registradas no Oeste do Paraná

Conforme os dados registrados entre os informantes selecionados para esta pesquisa, observando as variáveis sexo, faixa etária e escolaridade, podemos afirmar que a realização da oclusiva dental segue o padrão já descrito em pesquisas anteriores do português brasileiro falado na região sul do Brasil e no Paraná. Há, porém, um quadro diferenciado com relação às variantes sonoras, em que a africada alveopalatal em todas as dimensões apresenta um índice maior se ocorrências.

A realidade descrita no âmbito das variáveis socioculturais permite afirmar que a palatalização da oclusiva dental surda e sonora é uma mudança em processo, a qual encontra

na convivência com o ambiente escolar, no contato com a mídia condições favoráveis para a sua adoção.

O fato de a oclusiva dental realizar-se com maior frequência entre informantes masculinos, da GII, e com baixa escolaridade, permite identificar uma propriedade conservadora entre os falantes da região Oeste do Paraná. A atitude conservadora recebe dos ambientes de convivência social, em atividades específicas, mais do mundo rural, as condições necessárias para a sua dispersão sobre outras instâncias: manifestações culturais, alimentação, religião, entre outros.

5. Algumas considerações

Os dados aqui apresentados revelam o polimorfismo da fala do Oeste do Paraná. Os registros documentados pelos atlas (ALPR, 1994; ALERS, 2002; ALPR II, 2007) reforçam a existência de zonas de concentração e zonas de transição dos traços linguísticos, além da coocorrência de variantes em contextos de maior heterogeneidade cultural. Os traços linguísticos presentes na fala dos moradores corroboram a história de formação da região, com relação à existência de núcleos mais fechados que se contrapõem a uma realidade mais heterogênea em algumas áreas. Outra realidade que se observa é a irradiação de traços representativos do falar paulista e do norte e noroeste paranaense, como o retroflexo em áreas mais conservadoras, como o sul do Estado. Tal fenômeno merece uma atenção especial e um estudo minucioso da realidade e do contexto de uso da variante.

Afora a realidade sócio-histórica do Oeste paranaense, não podemos esquecer que a fala da região, em cada localidade, reflete a dinâmica da própria língua portuguesa no Brasil, que, em alguns aspectos, se particulariza em áreas homogêneas e, em outros, sofre as pressões de uma uniformização, resultando na formação de áreas heterogêneas e de transição linguística. No Oeste paranaense, essa realidade se constitui tanto na dimensão diatópica quanto na dimensão sociocultural, em que os fenômenos se sobrepõem e apontam a necessidade de uma investigação pormenorizada da fala e sua interface cultural, histórica e social.

Referências

- ABAURRE, Maria Bernadete M.; PAGOTTO, Emilio Gozze. (2002) Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE; Maria Bernadete M; RODRIGUES, Angela C. S. Gramática do português falado. Volume VII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Atlas Linguístico do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas Linguísticas do Português Falado no Sul do Brasil: um Balanço das Fotografias Geolinguísticas do ALERS. In. AGUILERA, Vanderci de Andrade. A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: EDUEL, 2005
- _____. Interfaces entre dialetologia e história. Salvador: Quarteto, 2006.
- ALTINO, Fabiane Cristina. Atlas Linguístico do Paraná II. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2007.
- ALVAR, Manuel (Dir). Manual de dialectología hispánica. El español de España. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. A geografia linguística no Brasil. São Paulo: Ática, 2005.

- CARDOSO, Jayme Antonio; Westphalen, Cecília Maria. Atlas Histórico do Paraná. Curitiba, Livraria do Chain, 1986.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Que dimensões outras, que não a diatópica, interessam aos atlas linguísticos? In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOLOGIE ROMANES, 22, 1998, Bruxelas. Actes... Tübingen: Niemeyer, 2000, v. 3.
- COSERIU, Eugenio. Sincronia, Diacronia e Historia. El problema Del Cambio lingüístico. Madrid: Gredos, 1988.
- CUNHA, Celso. Língua portuguesa e realidade brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.
- DAUZAT, Albert. La géographie linguistique. Paris: Flammarion, 1922.
- DIÉGUES JUNIOR, Manuel. Regiões culturais do Brasil. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960.
- GREGORY, Valdir. Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970). Cascavel: EDUNIOESTE, 2005.
- KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. ALERS: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil. Volume I e II: Introdução. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2002.
- MENDONÇA, Renato. O Português do Brasil: origens, evolução, tendências. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1936.
- MERCER, José Luiz. Áreas fonéticas do Paraná: dados preliminares do ALERS. In: Revista da ABRALIN. Boletim n. 14. Agosto de 1993. São Paulo, julho de 1993.
- MEZZOMO, Frank Antonio. O catolicismo na colonização do Oeste do Paraná. Disponível em: <http://bmgil.tripod.com/mfa19.html>. Acessado em 10/07/2008.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Lengua, geografia y sociedad. In: JORNADAS DE LINGÜÍSTICA, 4, 1998, Alcalá de Henares. Anais... Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 1998.
- RONA, José Pedro. The social dimension of dialectology. International Journal of the Sociology of Language, n. 9, p. 7-22, 1976.
- TOMANIK, Eduardo Augusto. Reconstrução Histórica da (Re)Ocupação do Noroeste do Estado do Paraná: Versões Oficiais e Situações Vivenciadas. Disponível em: http://www.peld.uem.br/Relat2002/pdf/comp_social_econ_reconstrucao.pdf. Acessado em 29/07/2008.
- THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XX^e siècle. In: ENGLEBERT, Annick; PIERRARD, Michel; ROSIER, Laurence; van RAEMDONCK, Dan (Orgs.). Actes do XXII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes. Bruxelas: Max Niemeyer Verlag, 1998.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. (1968). Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. São Paulo: Parábola, 2006.